

FENAE Agora

www.fenae.org.br

Impresso
Especial

100322006
Fenae

...CORREIOS...

Eu Faço Cultura

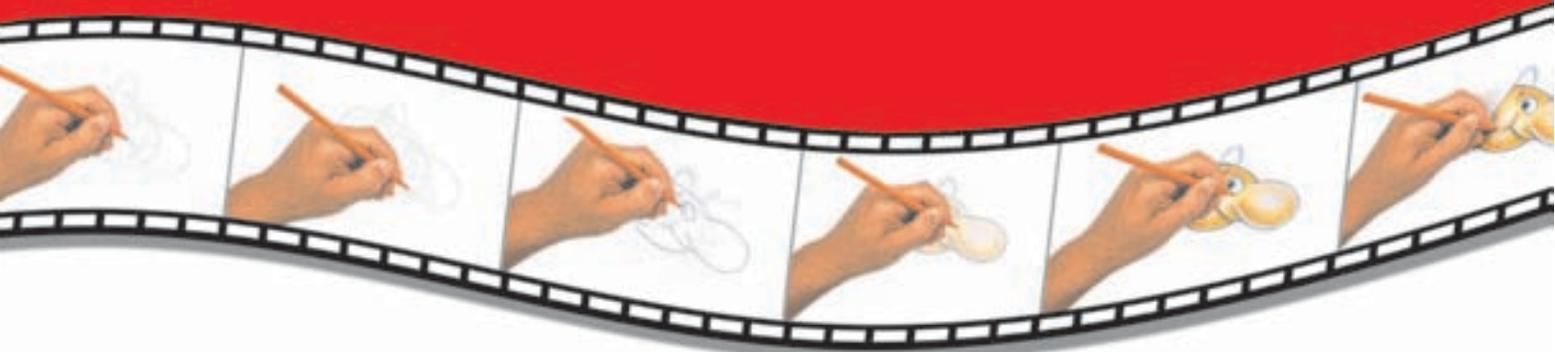
Publicação da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal - Edição 51 - ano 10 - maio / junho de 2007 - distribuição gratuita



Aumento de trabalho acentua
carência de pessoal na Caixa

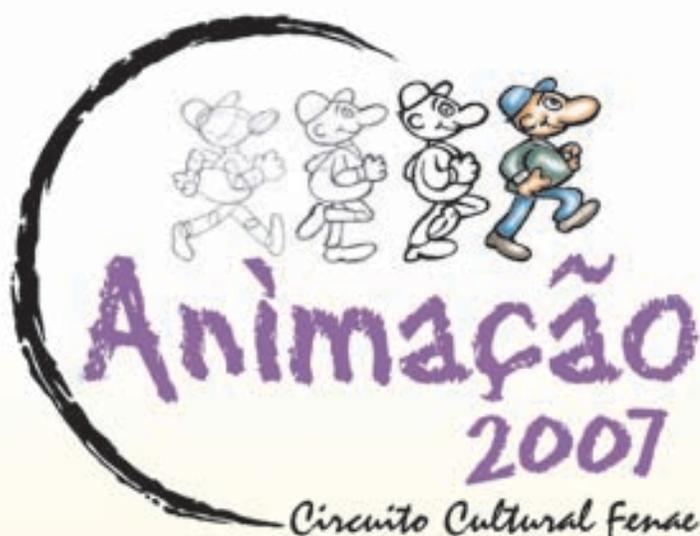
Página 16

Animação está de volta entre os concursos do Circuito Cultural



O Animação Fenaé 2007 está com inscrições abertas.

Data limite para inscrição:
09 de julho de 2007.



Estão convidados a participar os empregados da Caixa que sejam sócios efetivos da Apcef ou contribuintes do Fenaé Doações.

Caso você ainda não seja sócio, procure a Apcef de seu estado ou a Fenaé.

Participe e concorra a milhares de pontos para serem resgatados no site www.programapar.com.br

1º lugar - 150.000 pontos e troféu.
2º lugar - 100.000 pontos e troféu.
3º lugar - 50.000 pontos e troféu.
Júri Popular - 50.000 pontos e troféu.

Além disso, todos os inscritos ganham 200 pontos e os seis trabalhos pré-selecionados para o júri popular serão premiados com 2.000 pontos cada um.



O regulamento completo e a ficha de inscrição podem ser encontrados nos sites da Fenaé (www.fenaé.org.br) e do Programa PAR (www.programapar.com.br).

ATENÇÃO: Leia atentamente o regulamento e siga as instruções de envio da obra, pois os trabalhos em desacordo com as regras não serão inscritos.

Cultura sim, sobrecarga não!

O Movimento Cultural do Pessoal da Caixa espalha diversão e arte país a fora. O projeto **Eu Faço Cultura** já passou por Belém, Manaus, Teresina e São Luís, chegando a Maceió e a Natal no período de 23 a 26 de maio.

Conforme disse o ministro da Cultura, Gilberto Gil, na solenidade de lançamento do **Eu Faço Cultura**, ocorrida em abril no auditório Caixa Cultural, em Brasília, “o projeto tem o mérito de divulgar entre pessoas físicas o instrumento de financiar a cultura por meio da lei Rouanet”.

O movimento alcançou mais de 8 mil destinações de Imposto de Renda de pessoas físicas e os recursos obtidos serão dirigidos a eventos em 30 cidades, até o final do ano. Estamos, portanto, diante da mais nova e bem sucedida iniciativa dos empregados da Caixa, sob a coordenação da Fenae e das Apcefs, tendo como parceiros a Caixa, a Funcef, a Fenae Corretora, a Caixa Seguros e a Brasil Telecom.

Mas enquanto os trabalhadores da Caixa procuram melhorar sua qualidade de vida com atividades culturais, a carga de trabalho na empresa acentua-se, comprometendo ainda mais as condições de saúde. A carência de pessoal compromete também os negócios e a capacidade da empresa de potencializar o alcance das políticas públicas.

Ao abordar o aumento de trabalho com carência de mão-de-obra na Caixa, **FENAE AGORA** revela a ampliação do volume de crédito nas diversas modalidades, o aumento vertiginoso do número de correntistas, a ampliação dos programas de transferência de renda, o salto no volume de recursos para a área habitacional e a expansão da rede de agências. Tudo isso, com a curva da evolução do quadro de pessoal tendendo para baixo.

Entre os destaques desta edição estão também a integração tecnológica envolvendo a Fenae e as Apcefs, e a implantação do Segmento do Pessoal da Caixa na Fenae Corretora.

Na modernização das ferramentas de comunicação eletrônica da Fenae e Apcefs, foi feita a interligação dos sites das associações com o novo portal da federação, permitindo o fluxo de conteúdos. A inovação oferecerá ainda maior agilidade e eficiência à realização de projetos, eventos e promoções das entidades.

Na Fenae Corretora, será implantado a partir de 4 de junho o Portal do Empregado, que viabilizará a entrada em operação do Segmento do Pessoal da Caixa. O objetivo é oferecer atendimento personalizado e exclusivo aos empregados da ativa e aposentados da Caixa, assim como aos seus cônjuges e filhos. Serão criados multicanais para atuação em pré-venda, venda e pós-venda. O Portal do Empregado tornará possível a realização de diversas operações pelo próprio usuário. <



Foto: Dantércio Cardoso

05

Conheça o site de músicas gratuitas na coluna “Rede”

06

História do movimento aborda unificação da Caixa em 1970

09

Caixa avalia reabertura de saldamento e adesão ao Novo Plano

10

“Eu Faço Cultura” leva shows e oficinas para diversas cidades do país

15

Apcefs do Brasil abrem temporada para os Jogos Regionais de 2007

16

Aumento na demanda da Caixa requer mais trabalhadores

20

Aposentados reivindicam recuperação de proventos

22

Novo portal da Fenae promove integração com os sites das Apcefs

25

Dieese fala sobre reajustes e pisos salariais no Brasil

26

Consumo responsável: reduzir o desperdício pode salvar a Terra

28

João Pedro Teixeira: fundador das Ligas Camponesas de Sapé

Administração e redação: Setor Comercial Sul, quadra 1, Bloco C, nº 30, Edifício Antônio Venâncio da Silva, 5º andar, Brasília (DF) CEP - 70395-900 - Telefone (61)3323-7516 - Fax (61) 3226-6402 / www.fenae.org.br - imprensa@fenae.org.br **Diretoria Executiva - Diretor-presidente:** José Carlos Alonso Gonçalves. **Diretor vice-presidente:** Pedro Eugênio Beneduzzi Leite. **Diretor de Administração e Finanças:** Jair Pedro Ferreira. **Diretora de Comunicação e Imprensa:** Maria de Jesus Demétrio Gaia. **Diretor de Esportes:** Marcos Aurélio Saraiva. **Diretor de Cultura:** Emanuel Souza de Jesus. **Diretores Executivos:** Jesse Krieger / José Miguel Correia / Fernando Ferraz Rêgo Neiva. **Conselho Fiscal - Titulares:** Olívio Gomes Vieira / Maria Eny Estevam / Charles Robert Rabêlo Campos. **Suplentes:** Luiz Ricardo Maggi / Maristela da Rocha / Ely Custódio Freire. **Conselho Deliberativo Nacional - Presidente:** Fabiana Cristina Meneguete Matheus. **Vice-presidente:** Emerenciana Barbosa do Rêgo. **Secretário-geral:** Paulo César Carvalho de Lima. **Edição e redação:** Antônio José Reis / Evandro Peixoto / Amanda Vieira **Fotos:** Augusto Coelho. **Design e ilustração:** Lisarb Sena de Mello. **Colaboradores:** Márcio Baraldi / Mylton Severiano. **Impressão:** Bangraf. **Tiragem:** 100 mil exemplares. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Distribuição gratuita.



Onde houver empregados da Caixa lutando por seus direitos, a Fenae está presente.

Estar presente é participar da organização e mobilização dos bancários de todo o país por melhores condições de trabalho, de saúde e de vida. A Fenae também marca presença ao integrar os associados por meio de atividades esportivas e culturais, para todas as idades. E ainda realiza todas essas ações sem perder de vista a responsabilidade social, que leva oportunidades de desenvolvimento para outras parcelas da sociedade. No dia 29 de maio, a Fenae comemora com todos os empregados da Caixa seus 36 anos de existência.





Casa Brasil: visite

O Casa Brasil é um projeto do governo federal que tem como principal objetivo reduzir a desigualdade social em regiões de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), levando para esses locais um espaço que privilegia a formação e a capacitação em tecnologia aliada à cultura, arte, entretenimento e participação popular. O projeto permite que a comunidade se aproprie das suas instalações, transformando-o em um espelho cultural do local em que foi implementado, concedendo também aos cidadãos a liberdade de decidir, via conselho gestor, os rumos das atividades que são oferecidas aos frequentadores.

As Casas estão espalhadas por todos os estados da Federação e oferecem telecentro, sala de leitura, auditório, estúdio multimídia e laboratório de divulgação de ciência e informática. Além disso, os frequentadores das unidades podem enviar textos, fotos, áudios e vídeos sobre suas atividades para o portal do Casa Brasil, que está disponível no endereço: <http://www.casabrasil.gov.br>



Músicas gratuitas

Para divulgar e encontrar músicas na internet gratuitamente e sem infringir as leis, o portal Jamendo é uma boa alternativa. Todas as obras disponíveis nesse espaço estão sob licenças "creattive commons", isto é, têm permissão para serem copiadas, remixadas e compartilhadas desde que preservem alguns direitos pré-definidos pelo autor.

O portal promete facilitar o encontro entre o artista e o seu público. Além de baixar livremente músicas de todos os gêneros, o usuário poderá fazer doações em dinheiro aos artistas de sua preferência. Visite e confira: www.jamendo.com/pt



Crimes praticados pela internet

A Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, operada pela ONG SaferNet Brasil em parceria com o Ministério Público Federal, oferece um serviço anônimo de recebimento, processamento, encaminhamento e acompanhamento on-line de denúncias sobre qualquer crime ou violação aos direitos humanos praticado pela internet.

Ao se deparar com evidências de um crime contra os direitos humanos na internet, o internauta acessa o portal, preenche e encaminha o formulário de denúncia. Após o envio, o sistema gera um número aleatório que será informado ao denunciante para que ele possa acompanhar o andamento da denúncia, em tempo real e de forma anônima. Divulgue: www.denunciar.org.br

De olho nas finanças públicas

Para as entidades que compõem o Fórum Brasil do Orçamento (FBO), o controle dos gastos públicos é uma questão de justiça social. As entidades que compõem o Fórum lutam para direcionar mais recursos federais às políticas sociais e para ampliar o conhecimento da população sobre os gastos públicos. Assim, pretende aumentar a participação social no acompanhamento e na pressão por uma execução orçamentária transparente e de fácil entendimento.

É com essa concepção que a entidade mantém um site atualizado com a cobertura das principais decisões que dizem respeito ao orçamento público federal. Acompanhe e participe: www.forumfbo.org.br

Antigas Caixas unificadas e maior autonomia executiva

Unificação da Caixa em 1970 mudou para melhor a realidade dos empregados de norte a sul do Brasil

A história da Caixa Econômica Federal se mistura com a história do Brasil. Ambas, empresa e país, passaram por transformações ao longo dos anos. Uma das mais decisivas, no caso da Caixa - hoje considerada o maior banco social da América Latina -, foi a unificação. A medida, efetivada em fins de julho de 1970, mudou a realidade dos empregados de forma irreversível. Antes, os benefícios pagos eram definidos com base em parâmetros autônomos que as várias Caixas Econômicas Federais de cada estado estabeleciam. Depois, tão logo saiu a unificação, houve a padronização na oferta desses direitos.

A nova empresa foi classificada pelo decreto-lei que a criou como “instituição financeira sob a forma de empresa pública, dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e autonomia administrativa, vinculada ao Ministério da Fazenda, com sede e foro na Capital da República e jurisdição em todo o território nacional”. O cargo de primeiro presidente foi dado para “Giampaolo Marcello Falco, homem de confiança de Delfim Netto (então ministro da Fazenda), cuja administração foi dura para os empregados e boa para os interesses do governo dos militares”, de acordo com Olívio Gomes Vieira, presidente da Associação de Aposentados e Pensionistas da Caixa no Rio de Janeiro (Apacef/RJ).

Na esteira da unificação das antigas Caixas Econômicas, cujas principais eram a de São Paulo e a do Rio de Janeiro, foram criadas 22 filiais nos estados e em Brasília. Essas filiais passaram a con-



Olívio Gomes Vieira - Conselho Fiscal da Fenae

tar com grau de autonomia executiva superior ao que existia até então. A Matriz, em Brasília, assumiu o topo dessa nova estrutura, cabendo-lhe o papel de “previsão, planejamento, organização e controle, visando o aumento da produtividade dentro das margens de segurança”, conforme lembra o pesquisador Paulo César Ribeiro em seu livro “História da Caixa Econômica Federal de São Paulo (1875 a 1970)”. Paulo Ribeiro é empregado da Caixa e está lotado na Gifug/SP.

Pela nova estrutura, as agências ficaram subordinadas às filiais, passando tanto uma quanto a outra a serem classificadas em função do volume de aplicações. O critério adotado à época dividiu as filiais em quatro classes: A (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Rio Grande do Sul), B (Minas Gerais e Paraná), C (Estado do Rio/Guanabara, Pernambuco, Bahia, Ceará, Santa Catarina, Paraíba e Espírito Santo) e D (Pará, Alagoas, Maranhão, Goiás, Rio Grande do Norte, Sergipe, Amazonas, Mato Grosso e Piauí).

Vantagens e conquistas

O Regulamento de Pessoal, o primeiro pós-unificação, foi aprovado em 22 de outubro de 1970. Tinha caráter abrangente, mas surgiu como resultado da luta do movimento de todos os empregados por melhor remuneração e por condições adequadas de trabalho. Todo esse processo levou também à mudança do regime de contratação de estatutário para celetista (CLT), ocorrida em 1974. É dessa época, inclusive, a institucionalização da jornada de 8h, embora a luta pelas 6h continuasse na ordem do dia. O aposentado paulista Moyses Leiner, que trabalhou na Caixa até o ano de 1982, lembra que havia ainda todo um movimento para que os empregados fossem reconhecidos como bancários. “Eles eram denominados, até então, de economiários: tinham legislação própria e jornada de trabalho diferente das dos bancários. Isso serviu, por algum tempo, de justificativa para a empresa e o governo continuarem insistindo com uma jornada de 40 horas semanais”.

Desde que foi criada, em 29 de maio de 1971, a Fenae constituiu-se em ícone da luta pela jornada de 6h para os empregados da Caixa, sem redução salarial. Para isso enviou correspondências ao governo federal e batalhou, no âmbito do Congresso Nacional, para que a reivindicação tivesse o necessário respaldo. Como resultado dessa luta, o então presidente João Figueiredo sancionou em 1979 a lei que permitia aos empregados da Caixa optarem pela jornada de 8h ou 6h. O saldo negativo ficou por conta da direção da empresa, que na época divulgou tabelas de salários para optantes e não-optantes, com decréscimo nos vencimentos dos que optassem pelo regime de 30 horas semanais.

O primeiro concurso pós-unificação data de 1973, quando passou a existir o cargo de escriturário.

A luta travada na época de chumbo da ditadura militar teve vários desdobramentos. No decorrer da década

A Fenae é um dos ícones da luta pelas 6h na Caixa



Moyeses Leiner (SP) é aposentado da Caixa

precedentes entre os empregados de todo o país. Resultado: houve uma debandada de trabalhadores da empresa, o que em alguns casos levou a Caixa a perder parte da “expertise” (experiência) de seu quadro funcional.

Diante da iminência de tamanha desestruturação, a direção da empresa - gestão Karlos Rischbieter - se viu obrigada a adotar uma política de reclassificação nas tabelas de salários e no plano de cargos e carreiras, naquilo que foi denominado à época como “Pavão”, numa referência bem-humorada à música “Pavão Misterioso” do cantor cearense Ednardo. Com isso o processo de debandada foi estancado em parte, sobretudo porque o “Pavão” fez com que os salários dobrassem.

O “Pavão” consistiu numa portaria que a Presidência da Caixa assinou no dia 1º de outubro de 1974. Essa reclassificação por tempo de serviço beneficiou um total de 9.587 empregados. O ato de assinatura da portaria, em Brasília, contou com a presença do então presidente da Fenae, Arthur Ferreira de Souza Filho.

de 70, a falta de uma política de valorização profissional, refletida em uma situação de arrocho salarial generalizado, criou um clima de insatisfação sem



Seu
público-alvo
está aqui.

Anuncie



Ato de 1977 em Brasília marca a implantação da Funcef, criada para suprir as deficiências do sistema da previdência oficial

Funcef: capítulo importante

O direito a uma aposentadoria decente sempre fez parte do rol de preocupações dos empregados da Caixa. Em seu início, a luta por um sistema previdenciário desembocou em um instituto - o Serviço de Assistência e Seguridade Social dos Economiários (Sasse), que em pouco tempo, segundo Moyses Leiner, se tornou deficitário.

O Sasse vigorou até o final de 1977, quando foi substituído pela Fundação dos Economiários Federais (Funcef), instituída em 1º de agosto de 1977. A Funcef foi constituída com base na lei nº 6.435 (15/7/77), que estabeleceu as regras para o funcionamento dos fundos de pensão no Brasil, como parte da política governamental de unificar os institutos de previdência.

A Funcef e o PMPP foram criados em 1977

A aprovação pelo Ministério da Fazenda do estatuto e do regulamento básico da Funcef ocorreu em 17 de maio de 1977, com posterior registro em cartório de Brasília. Tão logo surgiu, a Funcef passou a administrar algumas das atribuições do Sasse, como no caso do plano de saúde dos empregados ativos e aposentados, que depois ficou sob a responsabilidade da Caixa. O fundo de pensão então criado buscou suprir as deficiências do sistema do INSS e, assim, ampliou as vantagens que eram concedidas pelo instituto Sasse.

O Plano de Melhoria de Proventos e Pensões (PMPP) foi criado também em 1977 pela Caixa, com o intuito de complementar as aposentadorias e pensões dos empregados que se aposentaram durante o regime do Sasse.

Um capítulo importante da história da aposentadoria complementar dos empregados da Caixa foi escrito em 19 de junho de 1979, com a publicação do novo Regulamento do Plano de Benefícios Replan, adequado às exigências do decreto nº 81.240/78, que previa o limite máximo de pagamento de benefício em três vezes o teto da previdência oficial e proibia pagamento de benefício de natureza complementar antes dos 55 anos de idade.

A forma de cálculo e reajuste da suplementação foi modificada a partir de 1983, quando se passou a utilizar os índices salariais firmados em acordos coletivos. No primeiro ano de funcionamento, a Funcef já reunia mais de 20 mil associados.

O tema da história do movimento protagonizado pelos empregados da Caixa continuará sendo abordado nas próximas edições de **FENAE AGORA**. <

Reabertura do saldamento à espera de decisão da Caixa

GT propõe às instâncias da Caixa e da Funcef mais 30 dias para opção pelo Novo Plano

O Grupo de Trabalho da Funcef encaminhou às instâncias da Caixa e da fundação proposta de reabertura do saldamento e adesão ao Novo Plano por um período de mais 30 dias. A idéia foi aprovada por unanimidade em reunião realizada no dia 4 de abril, em Brasília. O GT é composto por representantes da Caixa, da Funcef e dos participantes.

A proposta do GT está sendo avaliada pela Caixa. Até o fechamento desta edição, a empresa ainda não havia se pronunciado.

A posição do GT pela reabertura da oportunidade de adesão ao Novo Plano está relacionada à necessidade de se alterar o método de capitalização do REG/Replan não-saldado, para que as contribuições ao plano antigo não se tornem proibitivas, como indicam os cálculos atuariais.



GT da Funcef aprova proposta de reabertura do saldamento em reunião do dia 4 de abril

Foi considerada inadequada a alteração do custeio sem nova oportunidade para o pessoal que permaneceu no REG/Replan reavaliar a conveniência de se proceder ao saldamento e de aderir ao Novo Plano. A perspectiva dada pelo GT é de se reabrir o processo de adesão, junto com a migração do REB para o Novo Plano, e em seguida fazer a alteração do método de custeio do REG/Replan.

Foi encaminhada também proposta de opção retroativa para adesão do pessoal do REB ao Novo Plano, o que permite que as contribuições possam ser revistas, com opção de retroagir a 1º de julho de 2006.

Pendências do saldamento

A Funcef promete encaminhar em breve aos participantes kit com material para informações complementares sobre o processo de saldamento do REG/Replan, a começar pelo certificado de participação, tanto do saldamento do benefício do REG/Replan quanto de participação do Novo Plano, em que constam as principais características do plano ao qual o participante está vinculado.

Junto com o certificado, a Funcef encaminhará demonstrativo de saldamento, com os dados cadastrais utilizados, tais como salário de participação em 31 de agosto de 2006 com suas respectivas rubricas, idade, sexo, valor da reserva de poupança, valor do benefício mínimo e valor do benefício saldado pela fórmula adotada no saldamento. O benefício saldado é o resultante do maior entre estes três últimos. O participante deverá conferir se os seus dados cadastrais estão corretos e poderá conferir a aplicação da fórmula com as explicações no próprio demonstrativo.

O kit deverá conter ainda formulário para o participante regularizar o cadastro de dependentes. A importância da atualização de dados está no fato de que o valor do benefício variará em função dos dependentes e que, no Novo Plano, só terão direito a benefícios os dependentes declarados.

Serão oferecidas explicações sobre os dois regimes de tributação - o progressivo e o regressivo -, para subsidiar a opção do participante por um deles. A necessidade de escolha deve-se à característica mista do Novo Plano. <



Fórum com representantes eleitos

Foi instituído no dia 26 de abril, em Brasília, o Fórum de Dirigentes de Entidades com Representantes Eleitos na Funcef, que tem por objetivo estabelecer discussões permanentes acerca das questões relativas ao fundo de pensão dos trabalhadores da Caixa.

Integram o fórum dirigentes da Fenae, da Federação Nacional das Associações dos Aposentados e Pensionistas (Fenacef) e da União Nacional dos Economiários (Unei). Participam todos os representantes eleitos para a diretoria e para os conselhos da fundação (Deliberativo e Fiscal), além dos suplentes.

Foi aprovada moção pela imediata implantação do novo Estatuto da Funcef. O documento será encaminhado tanto à direção da Caixa quanto aos órgãos governamentais. Ficou estabelecido que o fórum terá reuniões a cada três meses.



A cerimônia de lançamento do projeto “Eu Faço Cultura” foi realizada no auditório da Caixa Cultural em Brasília. À esquerda, o presidente da Fenae, José Carlos Alonso, o ministro da Cultura, Gilberto Gil, e a presidenta da Caixa Econômica Federal, Maria do Carmo Albuquerque.

Cultura em

Com uma campanha exemplar, “Eu Faço Cultura” leva projetos culturais para diversas cidades do país

Amanda Vieira,
jornalista da Fenae

O “Eu Faço Cultura” nasce com um recorde: o de destinações de pessoas físicas para projetos culturais pela lei Rouanet. Criado por iniciativa da Fenae e seus parceiros (Apcefs, Fenae Corretora, Caixa, Caixa Seguros e Funcf), o projeto teve mais de oito mil destinações de pessoas físicas que serão revertidas em projetos culturais espalhados por 30 cidades do Brasil.

O número impressiona se comparado ao que o Ministério da Cultura vinha obtendo nos últimos 15 anos em que a lei Rouanet está em vigor. A mé-

dia era de três mil destinações/ano. Com o aporte dos empregados da Caixa, esse número quase quadruplicou, passando para mais de 11 mil.

O projeto alcançou tal repercussão que atraiu parceiros importantes, como a Caixa Seguros e a Brasil Telecom, que destinaram parte dos seus impostos de renda (como pessoas jurídicas) para o projeto.

A iniciativa dos empregados da Caixa foi reconhecida pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil. No discurso que marcou a solenidade de lançamento do pro-



sília. No palco estavam presentes, da esquerda para a direita: o presidente da Funcef, Guilherme Lacerda, o presidente da Caixa Seguros, Thierry Claudon, e o cantor Nando Reis.

toda parte

jeto, em abril, o ministro cumprimentou os empregados da Caixa pelo projeto e destacou que esse modelo precisa ser replicado por outros grupos, incluindo os próprios funcionários do Ministério da Cultura. “O projeto tem o mérito de divulgar entre pessoas físicas o instrumento de financiar a cultura por meio da lei Rouanet. A cultura tem papel estratégico na atuação do governo, colocando-se no mesmo patamar da educação e da saúde, conforme atestam estudos de organismos internacionais como a Unesco”, reiterou o ministro.

Na solenidade de lançamento do projeto, o presidente da Fenae, José Carlos Alonso, chamou a atenção para o envolvimento que os empregados da Caixa de todo país dedicaram ao projeto: “Tudo aconteceu de forma rápida: foram 45 dias de intensos trabalhos, culminando com doações vindas de todos os estados e cidades do país”. Ele ressaltou que essa rápida mobilização demonstra também que os empregados da Caixa têm consciência de sua cidadania e de quanto querem decisivamente melhorar este país.

O cantor e compositor Nando Reis - representante da classe artística na solenidade - também apoiou o projeto: “São 25 anos de profissão. Nunca vi nada semelhante ao projeto, que vai ao encontro do que acredito, leva cultura a pessoas comuns e desburocratiza todo o sistema de acesso à cultura. Todas essas relações são saudáveis e indicativas para pensar a cultura de maneira nova neste país”.

Ele conclui: “Não existe show se não houver platéia e esta concepção é uma das principais riquezas reafirmada pelo projeto “Eu Faço Cultura”.

Maratona de oficinas e shows

De abril a maio, o projeto “Eu Faço Cultura” está sendo realizado em Belém, Manaus, Teresina, São Luís, Maceió e Natal. O ritmo é acelerado para cumprir ainda neste ano o itinerário de shows e oficinas culturais pelo país.

Belém

A programação do “Eu Faço Cultura” teve início na região norte, na capital paraense, com a oficina de música com o grupo de percussão SomCatado. O curso teve início no dia 18 de abril, com duração de três dias, e foi aberto à comunidade, que participou gratuitamente das aulas.

Durante o curso, músicos profissionais e aspirantes aprenderam ou se atualizaram sobre teoria musical e ritmo, além de praticar percussão e fazer música. Delianne Brito foi uma das alunas desse curso e revela que a oficina despertou um novo olhar sobre a música: “Inscrevi-me muito mais por curiosidade, mas acabei me apaixonando pela aula e já procurei uma escola de música para me matricular. Quero continuar estudando”.

Como parte do projeto “Eu Faço Cultura”, ao final da oficina os alunos foram convidados para realizar uma pequena

apresentação na abertura do show do artista principal, que em Belém foi o cantor Nando Reis. A aluna Delianne embarcou na proposta e participou da apresentação para o selecionado público deste consagrado artista: “Vou lembrar desse momento para o resto da minha vida”, ela ressalta.

A cidade de Belém também recebeu a oficina de fotografia, que foi aberta ao público e reuniu amadores e profissionais. No primeiro dia, os participantes fizeram uma visita à exposição “Cidades Reveladas”, do fotógrafo Cristiano Mascaro e ainda participaram do coquetel de lançamento da exposição, que contou com a presença do autor.

O fotógrafo Dirceu Maués participou da oficina e defende a importância de conhecer o processo de criação de outros fotógrafos: “Foi um desafio e uma experiência muito legal produzir e apresentar um trabalho para o Cristiano”, destaca. A aluna Ava Carla Rodrigues acredita que o fo-



Foto: PAR Cultural

Oficina de fotografia com Cristiano Mascaro

tógrafo deve se reciclar sempre e conhecer novos trabalhos: “Isso abre outros horizontes - assim que eu saí das aulas, fui pesquisar o trabalho dos fotógrafos que o Cristiano nos indicou”.

Após a oficina, Cristiano Mascaro selecionou trabalhos de três alunos para compor o catálogo que será lançado em novembro deste ano. Irene Almeida, uma das selecionadas, conhecia o trabalho de Cristiano Mascaro e queria aprofundar seus conhecimentos. As fotos que ela fez de dentro de um ônibus estavam entre as escolhidas: “Quis mostrar a visão do passageiro, o que as pessoas observam quando estão no ônibus”. Além do catálogo a ser produzido no final do ano, os três melhores alunos das oficinas realizadas pelo Eu Faço Cultura terão suas fotos expostas em Brasília.

O show do cantor Nando Reis e Os Infernais encerrou a semana cultural de Belém com a casa cheia: mais de 4.366 pessoas cantaram e se divertiram na plateia, formada por empregados da Caixa e público local. Os participantes que aderiram ao Eu Faço Cultura, destinando como pessoas físicas até 6% de seu Imposto de Renda devido, com base na lei Rouanet de incentivo à cultura, tiveram acesso gratuito em todos os eventos.



Foto: PAR Cultural

Oficina com os músicos do grupo de percussão SomCatado, em abril

Manaus

A capital do Amazonas foi a segunda cidade a receber a semana cultural, que teve início com a oficina de música do grupo SomCatado no dia 19 de abril. Durante os três dias de duração, os alunos ampliaram seus conhecimentos de música eletrônica, teoria musical e ritmo. Marinalda Pereira Sá, uma das alunas, avalia que a experiência foi maravilhosa: “Já trabalho com música e nunca tinha pensado em percussão, mas depois da oficina, mudei de idéia. A metodologia utilizada pelo SomCatado também é muito boa”, declara.

Para o músico Ewerton de Almeida, que também participou da oficina, a metodologia utilizada pelo

Foto: PAR Cultural



Apresentação dos alunos e do grupo SomCatado na abertura do show do Nando Reis

grupo chamou a atenção: “Sou percussionista há 10 anos e dou aulas de percussão para crianças carentes. Gostei muito da metodologia utilizada por eles. Realmente superou a minha expectativa”.

Mais uma vez o cantor Nando Reis se apresentou no dia 21 de abril pelo pro-

jecto “Eu Faço Cultura”, reunindo um público de 2.660 pessoas na capital do Amazonas. Os alunos da oficina de música abriram o show, seguindo o formato que o público vem aprovando a cada cidade em que o “Eu Faço Cultura” acontece.

Teresina

De 2 a 4 de maio, a capital do Piauí recebeu a oficina de música e o show do cantor Nando Reis e Os Infernais. O show reuniu mais de 2 mil pessoas e também teve a tradicional abertura dos alunos da oficina, que fizeram uma apresentação musical com o que aprenderam nas aulas.

Para a empregada da Caixa Marineide Lins, que participou da oficina de música, essa atividade foi uma excelente oportunidade para sair da rotina: “Eu nunca tinha mexido com instrumen-

tos musicais, já participei de um coral e fiz teatro, mas tocar foi muito bom, um alívio para o stress”.

Marineide revela que a vontade de fazer a destinação para a cultura pela lei Rouanet já existia, e que o projeto preencheu essa necessidade. “Vale a pena doar. A gente não perde nada, muito pelo contrário, só ganha. Nós, os doadores, somos sempre lembrados. Ganhamos uma linda camiseta, ingressos para os shows e para as oficinas e ainda apoiamos a cultura”, destaca a empregada da Caixa.

Foto: Dantércio Cardoso



Reginaldo Rufino, Nivalda Damasceno(Apcef/PI) e Jair Pedro (diretor da Fenae)



São Luís

A quarta cidade a sediar o “Eu Faço Cultural” foi a capital maranhense: de 3 a 5 de maio, recebeu a oficina de música com o grupo SomCatado e o show com o Nando Reis e Os Infernais, que teve um público de 3 mil participantes.

O aluno da oficina Luís Paulo Barão Vieira elogiou o trabalho desenvolvido pelo SomCatado: “Eles conseguiram despertar nas pessoas o gosto pela música. Foi pouco tempo, mas transmitiram muito conhecimento. É uma visão diferenciada de trabalho”. Para ele, que



Foto: PAR Cultural

Alunos da oficina de música ensaiam para a apresentação em São Luís

toca percussão desde 1994, a apresentação com o SomCatado na abertura do show do Nando Reis e Os Infernais também foi marcante. “O público se empolgou com a nossa apresentação,

nos recebeu de forma calorosa”, comemora o aluno, dizendo ainda que, como músico, é encorajador ver um projeto como o do “Eu Faço Cultura”.



Foto: PAR Cultural

Grupo SomCatado ensina música aos alunos da oficina promovida pelo “Eu Faço Cultura”

Maceió e Natal

O projeto vai levar o show da cantora Vanessa da Mata para Maceió (AL) no dia 25 de maio e para Natal (RN) no dia 26 de maio. O grupo SomCatado também está confirmado para ministrar as oficinas de música que vão ocorrer nestas duas cidades: na capital alagoana (de 23 a 25 de maio) e na capital potiguar (de 24 a 26 de maio).

O calendário dos próximos shows e oficinas está no site www.eufacocultura.com.br. Verifique no regulamento as condições e facilidades para participar das oficinas e dos shows. A abertura de novas adesões para o Eu Faço Cultura de 2008 está prevista para iniciar no segundo semestre. <

Tradição esportiva nas cinco regiões

Associações do pessoal de todo o Brasil deflagram temporada para os Jogos Regionais do ano de 2007

Os jogos regionais de norte a sul do Brasil, patrocinados pelas Apcefs com o apoio da Fenae, são um dos mais importantes eventos de integração dos empregados da Caixa. Atletas das cinco regiões - Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste - já estão participando de seletivas estaduais organizadas pelas associações das quais estão ligados, aquecendo as baterias para as disputas individuais, em duplas ou coletivas.

A região Sul é a primeira a realizar a série de Jogos Regionais previstos para 2007. A quinta edição do evento está confirmada para o período de 7 a 9 de junho, em Curitiba (PR), contando com a participação de atletas do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Neste ano, uma das novidades é a inclusão das provas de atletismo (100m - 200m - revezamento 4x100m - salto em distância), nas categorias masculina e feminina. Nos jogos do Sul, a bocha argentina e o futevôlei em duplas serão incluídas como modalidades experimentais, com direito a medalhas mas não a pontuação.

As datas dos jogos das outras regiões também já estão definidas. O segundo da série é o da região Norte, entre os

dias 15 e 19 de agosto, na cidade de Santarém (PA), com o envolvimento de atletas das Apcefs do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

Também em agosto ocorrem mais duas edições dos Jogos Regionais 2007: a do Sudeste (de 23 a 25 - em Rio das Ostras/RJ) e a do Centro-Oeste (de 23 a 26 - em Cuiabá/MT). As Apcefs envolvidas nas disputas da região Sudeste são a do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e a de São Paulo. Para este ano, a novidade é o futevôlei e a natação em duas faixas etárias (até 40 anos e acima dessa idade). Na região Centro-Oeste, atletas das associações do Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins vêm participando de seletivas estaduais para fazer bonito quando chegar o Dia D.

O último da série de jogos regionais é o do Nordeste, cuja edição desta vez será realizada em Recife (PE), de 6 a 8 de setembro. Estão confirmadas as presenças de atletas das seguintes Apcefs: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Todas as atividades referentes aos Jogos Regionais 2007 atendem calendário definido pelo Conselho Deliberativo Nacional (CDN) da Fenae e têm em comum a preocupação em contemplar a diversidade dos atletas das cinco regiões do país. <

Calendário dos Jogos Regionais de 2007

Jogos do Sul: 7 a 9 de junho – Curitiba (PR). Apcefs envolvidas: Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Jogos do Sudeste: 23 a 25 de agosto – Rio das Ostras (RJ). Apcefs envolvidas: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Jogos do Centro-Oeste: 23 a 26 de agosto – Cuiabá (MT). Apcefs envolvidas: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins.

Jogos do Norte: 15 a 19 de agosto – Santarém (PA). Apcefs envolvidas: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

Jogos do Nordeste: 6 a 8 de setembro – Recife (PE). Apcefs envolvidas: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Aumento de trabalho com carência de mão-de-obra

Além de perdas para a empresa, para a sociedade e para o país, há prejuízo à saúde do bancário

A Caixa necessita de mais trabalhadores. A empresa vem sendo fortemente demandada pelo crescimento vigoroso das operações bancárias no atendimento às políticas públicas, aos programas sociais e às transações comerciais com pessoas físicas e jurídicas.

Enquanto cresce exponencialmente o volume de serviços prestados à clientela, à sociedade em geral e ao poder público, a mão-de-obra permanece estagnada no mesmo patamar de cinco anos atrás. O contingente atual de trabalhadores da Caixa realiza atividades cada vez mais diversificadas e complexas, em quantidade de operações expressivamente maior.

Como consequência imediata da sobrecarga de trabalho e da falta de condi-

ções para o aperfeiçoamento técnico/profissional, tem-se expressiva perda de negócios, com reflexos na performance geral da instituição frente às oportunidades que a ela se apresentam.

A Caixa perde em capacidade de potencializar o alcance das políticas públicas, para maior impacto na distribuição da renda, no combate ao déficit habitacional, na bancarização, na oferta de crédito popular e na geração de emprego e renda para os milhões de brasileiros que lutam contra a pobreza e a miséria. Na área comercial, perde tanto na realização de negócios com produtos e linhas de crédito já disponíveis para pessoas físicas e jurídicas, como também no aproveitamento de novas oportunidades oferecidas pelo mercado.

Além de perdas para a empresa, para a sociedade e para o país, há ainda reflexos danosos no desenvolvimento profissional e na saúde dos bancários. Os trabalhadores sentem na carne o peso de uma estrutura com forte carência de pessoal nas áreas de atendimento.

Os dados sobre a evolução do número de trabalhadores da Caixa e sobre o comportamento da demanda por trabalho ao longo dos últimos anos, tanto no segmento comercial como no social, sustentam o diagnóstico acima e respaldam considerações feitas por dirigentes da Fena e e por entrevistados de **FENAE AGORA**.

Mão-de-obra em baixa

O número de trabalhadores na Caixa era de cerca de 104 mil em 2002, sendo 55.691 deles pertencentes ao quadro próprio da empresa. O restante era distribuído entre terceirizados, estagiários e jovens aprendizes.

Em 2005, a mão-de-obra total caiu para 101.744, com alteração do quadro próprio para 68.257 e da soma dos demais (terceirizados, estagiários e aprendizes) para 33.487. Em abril deste ano, os dados revelam o encolhimento da mão-de-obra para 100.816 trabalhadores - 73.386 concursados, 12.397 terceirizados, 11.510 estagiários e 3.523 aprendizes.



Crescimento do número de clientes e de usuários dos serviços prestados pela Caixa contrasta com queda no número de trabalhadores da empresa

REF	CP/bcd	CRED-SÊNIOR 107 - MOD 000	CONSIGNAÇÃO 110	CHEQUE ESPECIAL 195 - SGR	PENHOR	CDC
31/12/1998	56.247,78		218.397,86			
31/12/1999	59.161,64		315.525,21			
31/12/2000	54.583,32	59.411,00	465.408,00	301.331,00	330.373,00	
31/12/2001	70.703,98	181.350,00	673.953,00	379.584,00	433.005,00	253.127,00
31/12/2002	70.849,00	251.037,00	996.594,00	390.707,00	523.533,00	488.222,00
31/12/2003	77.480,93	511.000,81	1.557.632,84	370.541,92	583.382,41	419.480,74
31/12/2004	78.378,70	524.054,34	3.539.922,57	399.458,36	610.907,53	366.412,23
31/12/2005	118.753,15	327.513,28	5.178.320,99	502.830,18	755.082,06	313.697,72
31/12/2006	114.925,43	418.251,27	5.838.796,22	642.219,21	893.115,99	387.521,91

Demanda por trabalho em alta

A Caixa ampliou substancialmente a oferta de crédito nas mais diversas modalidades. Do ano de 2002 para 2006, o crédito em consignação saltou da casa de R\$ 996 milhões para R\$ 5,8 bilhões. No mesmo período, o crédito pessoal para bem de consumo durável subiu dos R\$ 70 milhões para cerca de R\$ 115 milhões, o crédito sênior (para aposentados) foi de R\$ 251 milhões para R\$ 418 milhões, o cheque especial do patamar de R\$ 390 milhões para R\$ 642 milhões e o penhor de R\$ 524 milhões para R\$ 893 milhões.

No ano 2000, foram ofertados pela Caixa R\$ 2,7 bilhões em capital de giro. Em 2003, o volume de recursos chegou a R\$ 3,1 bilhões e em 2006 saltou para R\$ 7,3 bilhões. Em desconto de duplicatas, a evolução foi de R\$ 252 milhões em 2000 para R\$ 873 milhões em 2003 e para R\$ 8,8 bilhões em 2006. Entre 2000 e 2006, o número de contas correntes de pessoas jurídicas subiu de 428 mil para 641 mil.

O número de operações com seguros, com títulos de capitalização, com consórcios e com previdência registra variações de altas e quedas entre 2001 e 2006. Os seguros, que em 2001 eram cerca de 1.571.079, chegaram a 1.651.488 em 2006. O número de títulos de capitalização estava em 536.518 e foi para 1.294.877 e o de previdência caiu de 119.118 para 38.620. Consórcio é um produto implantado em 2006 e que atingiu 44.147 operações no ano.

A Caixa atingiu 7.637.854 contas correntes de pessoas físicas em abril deste ano, sendo 3.792.120 na modalidade Caixa Fácil. Em 2002, eram apenas 13.249 contas Caixa Fácil e 3.003.285 contas correntes convencionais.

Transferência de renda

A unificação e a ampliação dos programas de transferência de renda colocaram a Caixa no centro do combate à miséria em nosso país, a partir de 2003. Além de viabilizar a criação do cadastro único do Bolsa Família, a empresa assegurou também o repasse dos recursos às famílias beneficiadas, em todos os cantos do país. O programa começou com pouco mais de um milhão de famílias em setembro de 2003 e chegou a mais de 9 milhões de famílias em 2006. Foram quase 5 milhões de benefícios pagos nos quatro últimos meses de 2003 e cerca de 114 milhões de pagamentos durante o ano de 2006.

Os cerca de 17,6 milhões de pagamentos em seguro-desemprego feitos em 2000 subiram para quase 24 milhões no ano passado. No mesmo período, a quantidade de pagamentos em abono salarial subiu de 4,5 milhões para cerca de 9,5 milhões.

Habitação e saneamento

Em 2003, a Caixa aplicou R\$ 5 bilhões em habitação e R\$ 1,7 bilhões em

saneamento. Em 2006, o valor total contratado no segmento imobiliário saltou para R\$ 14,17 bilhões. Em comparação com 2005, ano em que as contratações foram da ordem de R\$ 8,90 bilhões, o crescimento foi de 59,30%.

O volume de contratações realizadas no ano passado foi, de fato, um marco excepcional e ilustra também o salto na demanda por trabalho dentro da Caixa. Mas se a análise tiver como parâmetro o orçamento anunciado pela empresa no início de 2006, de R\$ 18,7 bilhões para habitação, pode-se concluir que o resultado ficou aquém daquilo que poderia ter sido.

O desempenho insuficiente na realização do valor orçado deixa no ar a questão sobre que peso tem nisso a carência de pessoal para a efetivação das contratações. Para o presidente da Fenae, José Carlos Alonso, “não há como fugir da constatação de que o resultado teria trazido ainda mais ganhos para a sociedade se a Caixa estivesse com um quadro de pessoal adequado ao exigido por suas atribuições”.

ANO	CONTA CORRENTE	CONTA CAIXA FÁCIL	TOTAL
1999	2.108.362	0	2.108.362
2000	2.411.028	0	2.411.028
2001	2.793.000	0	2.793.000
2002	3.003.285	13.249	3.016.534
2003	2.997.334	1.122.305	4.119.639
2004	3.045.678	2.217.560	5.263.238
2005	3.193.056	3.294.353	6.487.409
2006	3.611.075	3.792.120	7.403.195
Até ABR/2007	3.760.985	3.876.869	7.637.854
(%)	78,38		262,26

O aumento crescente da carga de trabalho na Caixa, especialmente na área de habitação, foi abordado em matéria da edição anterior de **FENAE AGORA**, na qual a diretora de Desenvolvimento Urbano e Governo, Márcia Kumer, estima em quatro vezes o tamanho do esforço a ser feito hoje no atendimento ao público, em comparação com 2002. Márcia lembra que, naquele ano, foram realizados investimentos da ordem de R\$ 7 bilhões em habitação, saneamento e infra-estrutura, enquanto que para 2007 estão previstos R\$ 27 bilhões. Para a contratação total destes R\$ 27 bilhões, avalia-se em R\$ 46 bilhões o volume de propostas de investimentos a serem analisadas.

Ampliação da rede

Em 2003, a Caixa contava com 1.708 agências em todo o país. Esse número cresceu ano a ano, chegando a 1.981 agências em 2006. Foram implantadas, portanto, 273 novas agências nos últimos três anos. Junto com a expansão do volume de serviços, a ampliação da rede fez com que ficasse ainda mais acentuada a carência de mão-de-obra.

E se a Caixa quiser se posicionar adequadamente no mercado, para aproveitar as possibilidades de crescimento e de exploração de novos nichos, terá que se fazer presente, com novas unidades de negócios (agências), nas praças e localidades em que as oportunidades se apresentam. A rede alternativa de prestação de serviços, na qual se incluem os correspondentes bancários e os canais de auto-atendimento, não é capaz de potencializar a presença da empresa no mercado, uma vez que, basicamente, se restringe a receber e a pagar. Os correspondentes bancários possuem ainda um nível de autonomia

Número de agências	
Ano	Agências
1996	1652
1997	1564
1998	1597
1999	1693
2000	1694
2001	1692
2002	1701
2003	1708
2004	1766
2005	1894
2006	1981



Ermínia Maricato, professora da USP

em relação à Caixa que não permite prospecções que os tenham como opção segura e eficaz para o futuro

Na área tecnológica, a Caixa enfrenta o dilema da implantação de sistemas que se mostram logo defasados. A limitação atual das possibilidades via desenvolvimento da tecnologia não é algo que se possa superar apenas com investimento. Demanda, sobretudo, tempo.

“Aceleração às mudanças”

Para a professora do departamento de Planejamento Urbano da USP, Ermínia Maricato, ex-secretária executiva do Ministério das Cidades, “é inegável que a Caixa necessita ampliar o seu quadro pessoal”. Na sua opinião, a atual administração da empresa “tem demonstrado competência e determinação em realizar o trabalho que precisa ser feito, mas há a necessidade de se acelerar o processo de mudanças”.

Maricato aponta como determinante do “aumento exponencial” do trabalho

Bolsa Família		
Ano	Qtde	Valor
2003	4.986.981	376.083.535,00
2006	113.899.575	7.117.393.571,00

o fato de “quase todos” os programas sociais do atual governo passarem pela Caixa. “Os desafios colocados ao longo dos últimos anos - diz ela - deixaram os atuais administradores com um gigante na mão e agora eles precisam readequar estruturalmente essa empresa e torná-la ágil o suficiente pra realizar o que o poder público e a sociedade esperam, especialmente depois do lançamento do PAC”.

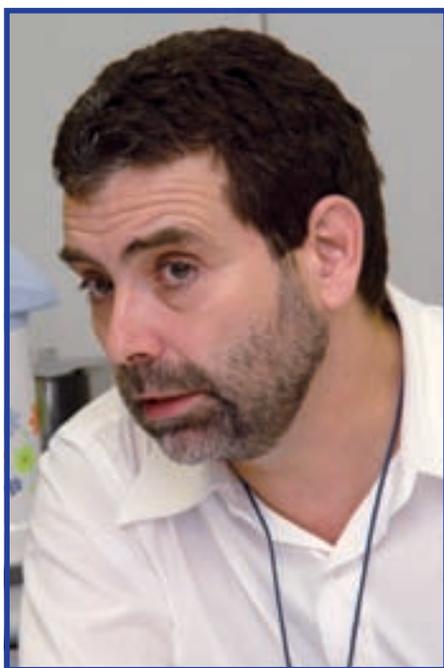
A professora ressalta a necessidade de haver também um remanejamento de pessoal, para maior equilíbrio entre as áreas. “Percebe-se que sobra gente em alguns lugares e falta em outros. É o que, em geral, ocorre nas demais instituições e órgãos do Estado brasileiro: há gente de mais na burocracia e gente de menos lá na ponta”, diz ela.

Impacto na saúde

A gestão inadequada, com base no tripé redução do quadro de pessoal, aumento da demanda por trabalho e pressão por produtividade, tem impacto direto e contundente nas condições de saúde dos trabalhadores. Entre os bancários, isso



Sobrecarga de trabalho desgasta a saúde dos empre



Plínio Pavão, diretor de Saúde da Contraf/CUT

significa, sobretudo, abalo à saúde mental, uma vez que a categoria é fortemente afetada por distúrbios quando submetida a condições não recomendadas ao desenvolvimento de suas atividades.



Empregados e gera prejuízos à empresa e à sociedade

Os estudos sobre saúde do trabalhador consagram o acúmulo de trabalho como fator determinante para a manifestação e agravamento das doenças ocupacionais, informação que é colocada em destaque por Plínio Pavão, secretário nacional de Saúde da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) e coordenador da Comissão Executiva dos Empregados (CEE/Caixa).

Para Plínio Pavão, a gigantesca e crescente carga de trabalho que está sendo imposta aos empregados da Caixa torna inócua qualquer política de prevenção de doenças na empresa. A falta de pessoal, segundo ele, inviabiliza, por exemplo, a pausa de 10 minutos a cada 50 minutos trabalhados, “uma conquista obtida em 1995 e que até hoje não pôde ser colocada em prática na Caixa”.

Plínio considera letra morta também o Programa de Reabilitação Ocupacional (PRO), que veio em substituição ao “entulho autoritário” da era FHC, denominado Programa de Readaptação ao Trabalho (PRT), cuja lógica era a da pressão sobre quem estivesse em licença, para o retorno precoce às atividades na empresa. “O PRO também está sendo inviabilizado pela realidade que o bancário vive hoje na Caixa”, frisou o dirigente da Contraf.

Mobilização

A necessidade de ampliação do contingente de trabalhadores da Caixa vem sendo apontada com ênfase cada vez maior nos locais de trabalho e nas instâncias do movimento dos empregados. E a reivindicação de mais contratações vem ganhando espaço nas mobilizações das entidades associativas e sindicais.

“Precisamos criar as condições para que os trabalhadores da Caixa possam



José Carlos Alonso, presidente da Fenae

se manifestar por todos os cantos do país, tendo como objetivo amainar a fadiga a que estão submetidos, mas também com o propósito de demonstrar que o aumento da mão-de-obra se traduzirá ainda em melhoria do desempenho da empresa, tanto nos negócios como na execução da política sociais”, frisou José Carlos Alonso, presidente da Fenae.

Na avaliação da Diretoria da Fenae, o ganho em escala de produção, em qualidade e agilidade nos procedimentos é capaz de cobrir com folga o custo com as novas contratações. A plausibilidade desse argumento ganha ainda mais consistência com o fato de que a quantidade de mão-de-obra que vier a ser contratada não terá, percentualmente, a mesma representação na folha de pagamentos. Cálculos superficiais indicam que a contratação de 30 mil novos trabalhadores (que equivaleria a 30% do quadro atual) teria impacto inferior a 15% na folha. <

Pagamento do Seguro-Desemprego		
Ano	Qtde.	Valor
1996	18.654.188	3.113.607.819,80
2000	17.659.943	3.892.959.701,64
2003	20.864.981	6.532.794.569,93
2006	23.768.097	10.352.325.000,00

Abono Salarial		
Ano	Qtde	Valor
1996	4.938.125	465.588.032,44
2000	4.567.131	625.839.574,21
2003	6.616.300	1.517.202.444,40
2006	9.410.819	3.200.682.970,39

Em busca de tíquete e cesta-alimentação

Mobilização dá-se em compasso com movimento pela recuperação de proventos e pensões

O movimento associativo dos aposentados da Caixa coloca entre suas principais reivindicações junto à empresa o pagamento do auxílio-alimentação a todos, independentemente da data de aposentadoria. Nas negociações realizadas em 2005, a Caixa concordou em restabelecer o benefício apenas para quem já o possuía em 8 de fevereiro de 1995, data em que fora suspenso.

A reconquista parcial do direito ao auxílio-alimentação decorreu de pressão sobre a empresa e de ações bem sucedidas no campo judicial. Um dos principais argumentos utilizados juridicamente foi o de que o tíquete já se achava incorporado ao patrimônio dos aposentados e pensionistas da Caixa, uma vez que fora pago durante mais de 20 anos, caracterizando direito adquirido protegido pela Constituição Federal.

A luta agora é para fazer com que a direção da Caixa restabeleça o pagamento também aos que se aposentaram após fevereiro de 1995. Para isso, as entidades representativas dos aposentados, entre as quais a Fenacef, a Unei, as associações estaduais e a Fenaef, buscam sintonia em suas ações para pressionar a empresa para que reconheça a justiça da reivindicação.

Junto com o pleito de extensão do auxílio-alimentação a todos, os aposentados da Caixa cobram também o pagamento da cesta-alimentação que é concedida aos empregados da ativa desde 2003. O movimento dos aposentados considera a cesta um complemento do auxílio-alimentação, ao qual também têm direito.

Esta é, inclusive, uma interpretação já

Tíquete foi pago a todos durante mais de 20 anos



Simpósio em Gramado (RS) impulsiona mobilização dos aposentados e pensionistas da Caixa

manifestada no âmbito do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Em maio do ano passado, ao julgar ação impetrada por um grupo de aposentados e pensionistas da Caixa de Minas Gerais, a Primeira Turma daquele Tribunal expressou entendimento de que a cesta é, de fato, um “aumento disfarçado” do auxílio-alimentação e determinou o pagamento da mesma aos pleiteantes.

Recuperação de perdas

A mobilização pelo tíquete e a cesta-alimentação dá-se em compasso com o movimento pela recuperação de proventos e pensões. Documento entregue à Caixa e à Funcef em outubro do ano passado ressalta

que, nos últimos 11 anos (1996 a 2006), a variação da inflação pelo INPC foi da ordem de 110%, enquanto a reposição para o REB foi de 57% e para o Replan foi de 37%. No mesmo período, os preços de remédios subiram 3.000%, de energia 5.000%, da cesta básica 2.000% e do gás 600%.

Por reivindicação dos aposentados, foi criado em 28 de fevereiro último um grupo de trabalho com representantes da Funcef e dos aposentados, para tratar da recuperação das perdas. No fechamento desta edição, o GT estava com reunião agendada para o dia 24 de maio, data em que iria concluir os estudos e propostas para encaminhamento à Funcef. O encontro para entrega do documento à fundação estava marcado para 29 de maio. <

Esforço para dobrar número de associados

Fica na avenida Mamoré - bairro Mariana, em Porto Velho (capital), a sede social da Apcef/RO. Não há qualquer pré-requisito para o empregado da Caixa em Rondônia se associar. Hoje, em um universo de mais de 300 empregados no estado, chega a 135 o número de associados. Para este ano, a meta da diretoria da associação é dobrar a quantidade de sócios efetivos. Para isso atividades esportivas, culturais e sociais são desenvolvidas com regularidade.

A sede fica aberta praticamente todos os dias das 7h às 23h. Sua estrutura possui piscinas para o público infantil e adulto, quadra de vôlei, campo de futebol, parque aquático infantil, churrasqueiras, salão para festas, mesa de pebolin (vulgo totó) e mesa de sinuca. Ainda não há chalés para hospedagem.

O Projeto Cidadão da Apcef/RO é desenvolvido em parceria com a Fenae e com a ONG Moradia e Cidadania. Busca atender demandas de adolescentes carentes de três bairros de Porto Velho: Mariana, Jardim Santana e Esperança da Comunidade. O segmento esportivo - com destaques para o futebol, o vôlei, o basquete e a natação - é um dos focos dessa iniciativa. Ainda na esteira do Projeto Cidadão, a Apcef/RO promove cursos profissionalizantes para a geração de renda. <



Mistura de floresta e cidadania na Apcef/AC

A sede da Apcef/AC possui 6,8 hectares e está instalada em uma área nobre da cidade de Rio Branco, a capital do estado. Abriga, inclusive, uma pequena reserva florestal e uma área de jardinagem para o associado ficar em harmonia com a natureza. A estrutura, embora pequena, é composta de sede social, campo de futebol, quadra de areia, lago para pesca e uma pequena piscina. Planeja-se construir em futuro próximo uma piscina que ofereça melhor atração aos associados, além de uma nova sede social e chalés com condições de hospedar os visitantes.

Fundada em 18 de maio de 1989, a Apcef/AC conta hoje com 99 sócios efetivos. Para melhorar o ambiente de trabalho nas unidades da Caixa localizadas no estado, a diretoria da associação tem o hábito de promover atividades em três segmentos: esportivo (futebol soçaite, natação e vôlei de areia), cultural (shows e outros eventos) e social (churrasco).

O cenário da Apcef/AC é, antes de tudo, a floresta amazônica. Tanto que na região foi cunhado o termo “Terra da Florestania” (união das palavras floresta e cidadania), para descrever os diversos jeitos de se viver na Amazônia.

As características dos moradores do lugar são a hospitalidade, o respeito às diferenças culturais e o cuidado com o espaço natural, numa mistura de costumes, tradições, mistérios e magias em torno da chamada acreeanidade. A cidade de Rio Branco é cortada pelo rio Acre, dividindo-a em duas partes: primeiro e segundo distritos. <

Melhor comunicação, integra

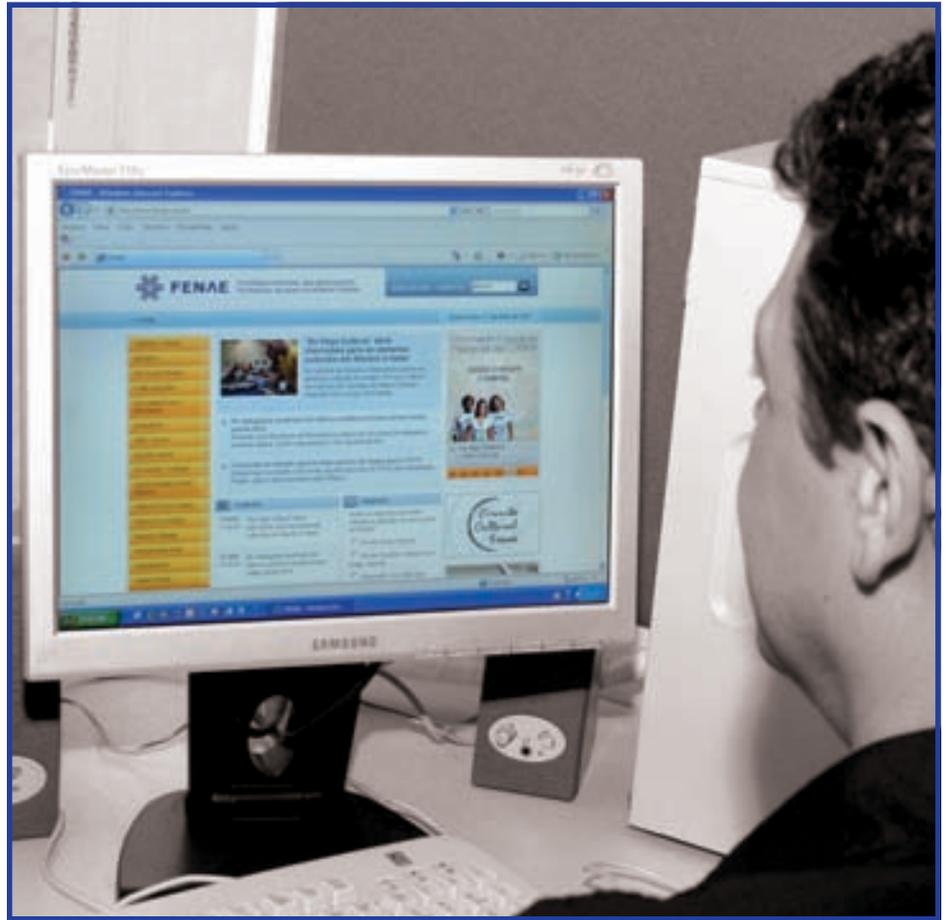
Novo portal promove a integração tecnológica da Fenae com as associações. A Fenae Corretora implantará em breve multicanais para atender ao empregado da Caixa

A Fenae está de cara nova na internet. Entrou no ar em 7 de maio o portal da federação, com acesso pelo endereço www.fenae.org.br. Além de trazer várias inovações em relação ao site antigo, a nova ferramenta viabiliza a integração tecnológica com as Associações do Pessoal da Caixa (Apcefs) nos estados.

Os sites das associações passaram a manter interligação com o portal. As páginas foram estruturadas dentro de um padrão técnico comum, em sintonia com as possibilidades oferecidas pela inovação, sobretudo no que se refere ao fluxo de conteúdo.

Pela arquitetura do portal, as Apcefs que já possuíam site se adaptaram aos novos recursos técnicos e foram implantadas páginas para aquelas entidades que estavam fora da internet. Houve uma padronização visual mínima, com base em elementos comuns à marca das Apcefs e à marca da Fenae.

Além de integração e interatividade, a inovação introduzida pelo portal da Fenae oferece maior agilidade e eficiência à realização de projetos, eventos



e promoções no campo da cultura, do esporte, da responsabilidade social e da democratização da informação e do conhecimento.

Ganha também em dinamismo o relacionamento e a prestação de serviços ao público vinculado ao universo Caixa, especialmente as ações desenvolvidas pelo programa PAR.

Tornam-se cada vez mais sólidas e promissoras as parcerias estabelecidas entre a Fenae, a Fenae Corretora, a Caixa, a Caixa Seguros, a Funcef e outras instituições. Saem fortalecidas as lutas dos empregados da Caixa (em atividade e aposentados) pelo atendimento às suas reivindicações e por garantia aos seus direitos e conquistas.

O movimento associativo dos empregados da Caixa mantém vivo o espírito de solidariedade e integração.

Junte-se aos seus. Filiese à sua



ção e atendimento exclusivo

Segmento do Pessoal da Caixa na Fenae Corretora

A Fenae Corretora começará em junho a implantação do Segmento do Pessoal da Caixa. A iniciativa visa oferecer atendimento personalizado e exclusivo na prestação de serviços de seguro aos empregados da ativa e aposentados da Caixa, assim como aos seus cônjuges e filhos. Serão contemplados também os empregados do Grupo Fenae e da Caixa Seguros.

Em comparação com o que se pratica hoje no balcão da Caixa, esse público contará com diferenciais importantes na aquisição de seguro para automóvel, seguro de vida e seguro residencial, grupo de produtos denominado Família Exclusivo.

O projeto terá início com um piloto em Brasília, a partir do dia 4 de junho. Na seqüência, após validação da Caixa e da Caixa Seguros, ocorrerá a ampliação para todo o país de forma gradativa.

Multicanais de atendimento

Para assegurar o atendimento personalizado e exclusivo, serão criados multicanais para atuação nos três ciclos de negócios, o pré-venda, a venda e o pós-venda. Os multicanais serão efetivados por meio do assistente de venda exclusivo, do Contact Center e do Portal do Empregado da Caixa na internet.

Os assistentes de vendas exclusivos terão lotação em unidades da Caixa. São profissionais recrutados e treinados em conformidade com os propósitos do projeto, entre os quais o de instituir a figura do corretor exclusivo do empregado da Caixa. Na primeira fase, serão 30 corretores exclusivos espalhados por todo o Brasil e, na segunda, serão 78.

No Portal do Empregado, será possível a realização de diversas operações pelo próprio usuário. A plataforma oferecerá informações de pré-venda, venda e pós-venda referentes aos produtos Família Exclusivo.

No pré-venda, além de obter informações completas sobre os produtos, o cliente poderá fazer agendamento com o seu corretor exclusivo.



O auto-serviço permitirá ao cliente simular/cotar seguros do grupo Família Exclusivo, solicitar cálculos/cotações fora do padrão e efetivar e imprimir propostas.

No pós-venda, a plataforma viabilizará consulta de emissão de apólice, acompanhamento dos seguros efetivados pelo cliente, obtenção de informações sobre sinistro, impressão de segunda via de boleto para pagamento do seguro, cancelamento e renovação de seguros.

O Contact Center funcionará como canal receptivo, na forma de serviço 0800, para acolhimento às demandas

dos clientes identificados no Segmento do Pessoal da Caixa. Oferecerá ainda suporte ao auto-serviço (via Portal do Empregado), à atuação centralizada em pesquisas de qualidade e às atividades de pós-venda.

Conforme explica o diretor-executivo da Fenae Corretora, Alexandre Monteiro, o novo modelo de atendimento visa atender o pessoal da Caixa com qualidade e eficiência. “A intenção é fazer com que o cliente, seja ele empregado ou familiar, receba tratamento personalizado da sua corretora”, frisou. <



Alexandre Monteiro, diretor-executivo da Fenae Corretora

Nunca veja de nenhuma outra maneira

Junho

de 1967. Aos 26 anos, filha

recém-nascida no berço, morava num anexo da casa de meus pais. A vitrola ficava na sala deles. Cheguei à noitinha com um pacote, ansioso. Um elepê de banda de rock.

Faz 40 anos. Trabalhava na revista Realidade. Na redação, havia celeumas a respeito de tudo, de esporte a política. Tinha colega que discursava possesso em cima da mesa. Mas, rock? Nem se discutia: a maioria esmagadora rejeitava - coisa de rapaziada de cabelos compridos e idéias curtas.

Quando desembulhei o disco, meu irmão caçula acercou-se. O impacto começava pela capa. Uma colagem, com 87 elementos entre rostos, estátuas, objetos, arranjos florais, contrastes violentos entre vermelho e verde, amarelo e azul.

Ficamos brincando de identificar rostos - Edgar Allen Poe, Bob Dylan, Gandhi, Marilyn, Marlon, Wilde, O Gordo e o Magro, Marx, Einstein, um negro campeão de boxe: Sonny Liston... Em destaque, uniformizados como músicos das antigas bandas de Corpo de Bombeiros, os quatro membros do conjunto, personificados em estátuas de museu de cera. À frente, um bumbo estampa o título: Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band - Banda do Clube dos Corações Solitários do Sargento Pimenta. Abaixo, flores vermelhas formam o nome: Beatles.

Pusemos na vitrola. Céus, o que era aquilo! Músicas se sucediam sem divisão de faixas, uma emendada na outra, e instrumentos indianos, latidos, miados: um galo canta, passa uma carroça, trinado, sons de caçada, arranjos eruditos, junto com guitarras elétricas, bateria, participação de músicos da sinfônica de Londres.

Eu não era louco por rock, mas aquilo era mais que rock. Sgt. Pepper's começa com sons de platéia conversando enquanto a orquestra afina instrumentos; e termina com um acorde que dura 40 segundos, em A Day in the Life (Um Dia na Vida). Ou melhor, a gente pensa que terminou. Soa uma frase, gravada durante os trabalhos de estúdio, que se repete ritmadamente: "never do see any other way" - "nunca veja de nenhuma outra maneira".

Quem veria mais de outra maneira? Fiquei tonto. Ouvi vezes. Cada vez, descobria algo novo. A gente nunca sabe se uma obra de arte que nos causa estranhamento vai durar, se vai provocar uma transformação.

Hoje sabemos que aquele álbum detonou movimentos mundo afora, entre nós o Tropicalismo. Os Beatles como que sintetizavam toda uma revolução de comportamento que ali vinha - a minissaia, o biquíni, a pílula, a liberação de costumes, a transgressão, a disseminação do uso de maconha - tiveram a audácia de fumar nos banheiros do Palácio de Buckingham, quando receberam o título de Membros Honorários do Império Britânico.

E a minha turma? Vários, depois que saímos de Realidade, fundaram uma empresa editorial. Num de seus primeiros trabalhos, pegaram carona num movimento antiguitarra que até organizou passeata de músicos, artistas, intelectuais pelas ruas de São Paulo. Eles então produziram um cartaz, um metro e meio de altura, para incentivar aquele auto nacionalista. Trazia uma foto, os rapazes de Liverpool de costas, olhando para trás. O título dizia algo assim:

Queremos ver esses cabeludos pelas costas.

Abaixo a guitarra elétrica.

Poderiam ter poupado sua criatividade. Os Beatles, mais importante banda de todos os tempos, conquistaram o mundo.

(E a guitarra elétrica? Veio para ficar. Ou melhor, ela não veio: já estava.

Quem a criou por aqui, com o nome de "pau elétrico", ou guitarra baiana, foi a dupla Dodô e Osmar, inventores do trio elétrico, em 1949. Na mesma época em que ela surgia nos Estados Unidos.) <

Reajustes e pisos salariais no Brasil

No decorrer das últimas semanas, o Dieese divulgou dois estudos importantes para avaliar as negociações salariais no Brasil. Serviram de base para esse estudo o balanço das negociações dos reajustes salariais e o balanço dos pisos salariais negociados, ambos realizados em 2006.

Quando observamos o estudo com o balanço dos reajustes salariais, o ano de 2006 destaca-se pela quase totalidade da reposição da inflação nos 656 instrumentos analisados, por meio da incorporação da variação acumulada do INPC/IBGE. Nacionalmente, mais de 96% dos acordos e convenções coletivas analisados garantiram no mínimo a manutenção do poder de compra dos salários a patamares da database anterior. Em 86% dos casos, os reajustes superaram a inflação do período, configurando ganhos reais para os salários. Esse foi o melhor resultado das negociações desde 1996, quando o Dieese passou a fazer o acompanhamento dos reajustes. Este resultado se deve a alguns fatores conjunturais, como o crescimento econômico, os baixos índices de inflação e a queda das taxas de desemprego.

Mesmo diante desse quadro positivo, é possível que não se tenha compensado as perdas dos anos anteriores, pois nestes últimos 11 anos cerca de 43% das negociações ocorridas no período resultaram em reajustes inferiores ao INPC/IBGE. Enquanto em 2006 apenas 4% não repuseram a inflação, em 2003 esse índice chegou a 60%, somado ao fato de que menos de 20% conseguiram ganho real.

Para os setores de atividade econômica, a proporção dos reajustes iguais ou superiores ao INPC/IBGE foi praticamente o mesmo na indústria, comércio e nos serviços: em torno de 96%. Contudo, quando se trata de aumento real, o setor de comércio supera os demais com 91%, contra 89% da indústria e 81% dos serviços.

Para o estudo do balanço dos pisos salariais, foram analisados os pisos de 452

negociações coletivas de 2006. Relacionando os pisos ao salário mínimo, observa-se que em 2006 mais de 70% dos pisos não excedem a 1,5 salário mínimo e que um pouco mais de metade está entre 1 e 1,25 salário mínimo. Nos anos de 2004 e 2005, os pisos salariais eram em média equivalentes a um pouco mais de 1,75 salário mínimo, passando em 2006 a 1,5 salário mínimo.

Este fato pode ser explicado através da evolução ao salário mínimo, que nos últimos anos teve reajustes que ultrapassaram a inflação, melhorando de forma significativa seu poder de compra. Entre 2005 e 2006, o salário mínimo obteve ganhos reais de 8,23% e 13,04%, respectivamente, totalizando um ganho acima da inflação de 23,34% somente nestes dois anos. O reajuste real do salário mínimo também proporcionou ganhos reais em algumas negociações de pisos salariais, sobretudo para os mais baixos.

No comércio, aproximadamente 90% dos pisos estão na faixa até 1,5 salário mínimo. Na indústria esse percentual já cai para 76% e nos serviços, setor que absorve mão-de-obra não escolarizada, os pisos são maiores, sendo o percentual concentrado na faixa até 1,5 salário mínimo um pouco acima de 60% - neste setor, 20% dos pisos estão além de dois salários mínimos. No setor rural, onde está concentrado o maior número de pisos mais próximos do salário mínimo, nove em dez estão na faixa de 1 a 1,25 salário mínimo.

Os resultados apresentados apontam para uma melhora no poder

de compra dos salários, tanto pelos ganhos reais proporcionados pelos reajustes em 2006 acima da inflação, quanto pela melhoria do salário mínimo. No entanto, os estudos também mostram os baixos valores pagos no Brasil, sobretudo quando verificados os pisos, que em média ultrapassam 1,5 salário mínimo. A inflação baixa explicitou os valores reais dos salários praticados no Brasil, que são muito baixos, fruto de anos com altas taxas de inflação, baixo crescimento econômico e altas taxas de desemprego.

Neste sentido, verifica-se a necessidade do movimento sindical ampliar o espaço de negociação, para reivindicar, além de reajustes, pisos salariais maiores, geração de emprego e distribuição dos ganhos com produtividade, de forma a garantir uma melhor distribuição de renda no país. <

Karla Cristina da Costa Braz,
técnica do Dieese no Distrito Federal



Consumo responsável em contraposição ao desperdício

Estudos recentes apontam que hoje falta planeta para tanto consumo com comida e com energia

A população no mundo vive um tempo em que fatos e tendências são tratados como inevitáveis. O planeta parece regado pela batuta invisível do pensamento único do consumismo e do desperdício, senhores do destino e das coisas. Estudo recente realizado por pesquisadores da Universidade da Columbia Britânica,

no Canadá, chegou à conclusão de que falta planeta para tanto consumo com comida, energia, transporte ou roupas. Se todos os habitantes da Terra consumissem como os dos países ricos, seriam necessários quatro planetas iguais ao nosso para atender toda essa demanda.

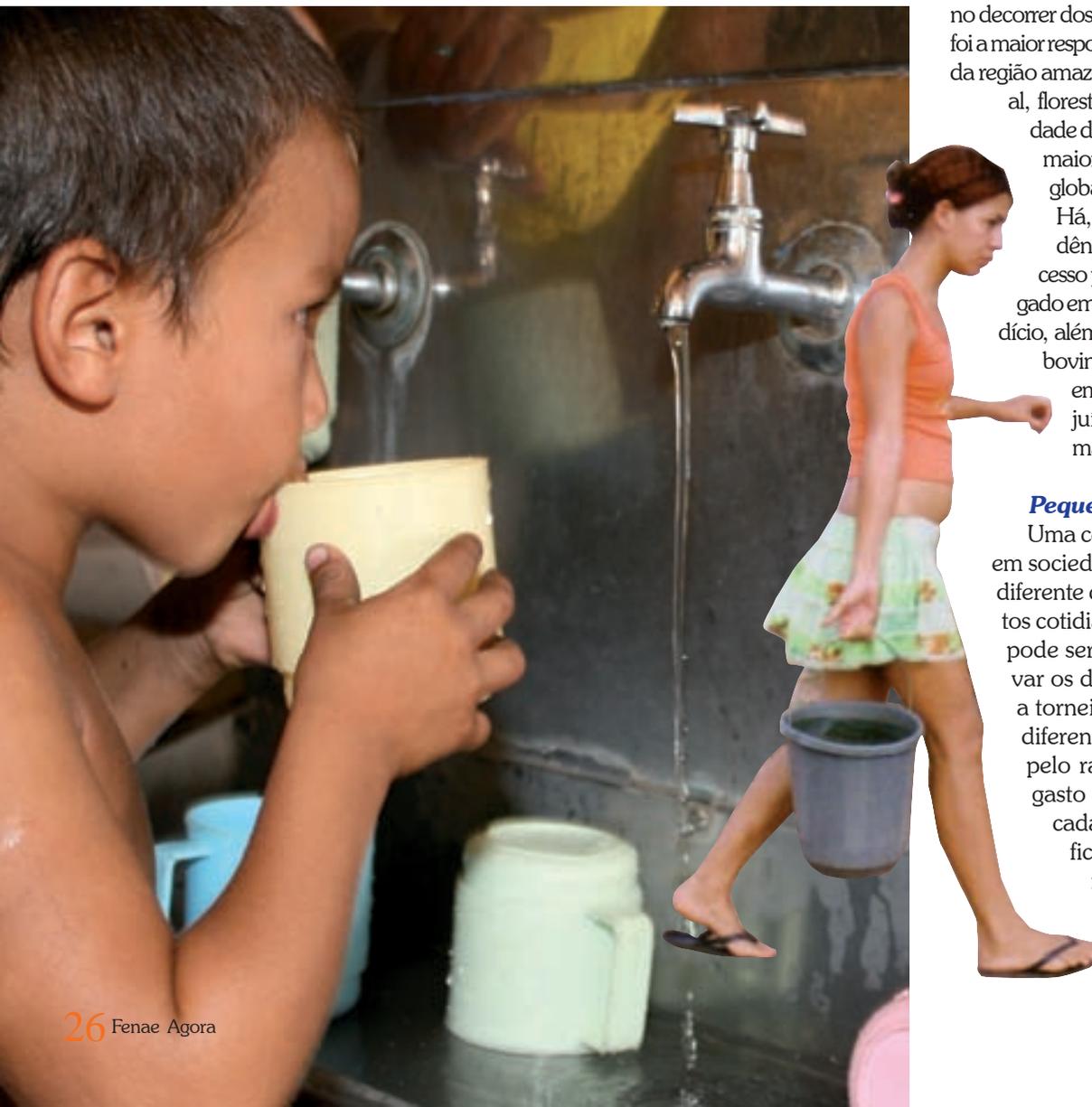
A situação no Brasil é cada vez mais semelhante à registrada em outros países. Tradicionais válvulas de escape da chamada modernidade, o consumismo e o desperdício crescem numa velocidade sem precedentes e se tornam menos eventuais. Em contraposição a esse estilo de vida considerado predatório, o con-

sumo consciente é a alternativa apontada pelo professor brasileiro Virginho Gabriel Beltrami, presidente da ONG Mercado Solidário. Ele é adepto da tese de que o consumo consciente se recusa a aderir a uma modernidade de consequências sempre e tragicamente conhecidas, a exemplo do que ocorre hoje no tocante ao aquecimento global, provocado também por fatores relacionados a hábitos alimentares com predominância de comida industrializada e rica em proteína animal.

Pesquisa do Banco Mundial revela que o consumo de carne bovina, por exemplo, muda o clima da Terra. Tanto é assim que, no decorrer dos anos 90, a pecuária de corte foi a maior responsável pelos desmatamentos da região amazônica. Para o Banco Mundial, floresta destruída reduz a capacidade de absorção do gás carbônico, maior causador de aquecimento global e de mudanças climáticas. Há, inclusive, cada vez mais evidências científicas de que o processo para manter uma fazenda de gado em funcionamento gera desperdício, além de que as fezes do animal bovino produzem gás carbônico em grande quantidade, em prejuízo de um meio ambiente mais equilibrado.

Pequenos gestos cotidianos

Uma certeza perpassa hoje a vida em sociedade: construir um mundo diferente começa por pequenos gestos cotidianos. Um dos mais banais pode ser aplicado no ato de escovar os dentes, pois deixar ou não a torneira aberta faz uma grande diferença. Água escorrendo à toa pelo ralo da pia equivale a um gasto em média de 13 litros a cada escovação, quando é suficiente apenas 0,5 litro. Torneira fechada é economia diária de 37,5 milhões de litros de água limpa e tratada, se for levada



em conta a média de consumo per capita em São Paulo (180 litros por dia). Isto daria para abastecer mais de 200 mil pessoas por dia, haja vista que equivale ao que cai por 12 minutos das cataratas de Foz de Iguaçu, no Paraná.

No caso da água, energia, alimentos e de outros bens de consumo, o que é desperdiçado por uma pessoa falta a outra. Do total de doenças no país, 60% têm origem no uso de água de má qualidade, mesmo em cidades com abundância do produto. O Instituto Akatu, criado em 2001 para mobilizar comunidades inteiras para o consumo consciente (www.akatu.org.br), indica uma luz no fim do túnel: adotar padrões de produção e consumo sustentáveis, buscando fontes de energia menos poluidoras e queda na produção do lixo, reciclando o máximo possível. A população, segundo o Instituto Akatu, cabe o desafio de repensar sobre quais produtos e bens são de fato necessários para o alcance do bem-estar.

Escola: papel preponderante

Neste processo para gerar riquezas, sem destruir florestas ou contaminar fontes de água, a escola tem papel preponderante. Assim pensa o professor Virgíneo Beltrami, da ONG Mercado Solidário. Ele afirma que a função da escola é passar cultura e conhecimento, pois “um desenvolvimento verdadeiramente sustentável pressupõe novas visões, novas práti-



Escolas podem orientar estudantes a reciclar e a reutilizar produtos não-degradáveis

cas, novas percepções e novos comportamentos. O momento que vivemos é o da necessidade de revolução cultural, para que novos referenciais de consumo sejam ecologicamente viáveis”. O professor acha ainda que, para a sustentabilidade do planeta, determinados conceitos consumistas precisam ser substituídos por definições e práticas mais identificadas com um consumo consciente.

Sem dúvida, a escola pode ajudar a construir uma sociedade mais sustentável e justa, seja orientando as novas gerações para escolhas cotidianas de consumo responsável em relação a recursos naturais, produtos e serviços. O caso do lixo é emblemático. Nesta perspectiva, os estudantes podem ser orientados a reutilizar e reciclar o resíduo proveniente do plástico rígido e do plástico filme, so-

bretudo aquele usado em sacolas de supermercados, que leva mais de 450 anos para se decompor. No Brasil, a reciclagem desse tipo de produto chega a apenas 17,5%. Quando depositado a céu aberto, o plástico dificulta a compactação do lixo e prejudica a decomposição dos materiais degradáveis. Assim acontece com 30% do lixo produzido no país.

Para se contrapor ao consumismo desenfreado ainda predominante, ONGs de diversos matizes defendem a solidariedade como um dos caminhos mais eficazes. No Distrito Federal, em complemento ao trabalho de consciência social realizado em salas de aula, a ONG Mercado Solidário desenvolve oficinas para produção doméstica limpa, consistindo em identificar todo o consumo de uma residência com o objetivo de evitar, decididamente, o desperdício. <

Mostre que você conhece de verdade o seu amor.

São 4 prêmios para você escolher: 1 viagem para Buenos Aires, 2 anos de cinema grátis, 1 home theater ou 1 cama box.

Acesse www.programaPAR.com.br e concorra!

Oferecimento: **CIRCUITO FENAE/ANPEF**

Amor em detalhes

No **Dia dos Namorados**, mostre que você conhece sua cara-metade e participe do nosso game de afinidades. Inscreva-se e responda às perguntas sobre o seu par. Depois é só esperar a confirmação das respostas e torcer para você ser sorteado.

Participe e aproveite o Dia dos Namorados com muitos prêmios.

Um mártir da luta pela terra

Quarenta e cinco anos separam o Brasil de 2007 do Brasil da época do assassinato de João Pedro Teixeira, ocorrido em 2 de abril de 1962. A morte desse líder das chamadas Ligas Camponesas de Sapé, na Paraíba, se deu por meio de emboscada a mando de grandes latifundiários.

O paraibano João Pedro Teixeira foi um mártir da luta pela terra no Nordeste do país, assim como o acreano Chico Mendes se notabilizou na defesa do seringal e do meio ambiente em terras nortistas, sobretudo na região amazônica. Nasceu em 4 de março de 1918 no então distrito de Pilões, no município de Guarabira (PB).

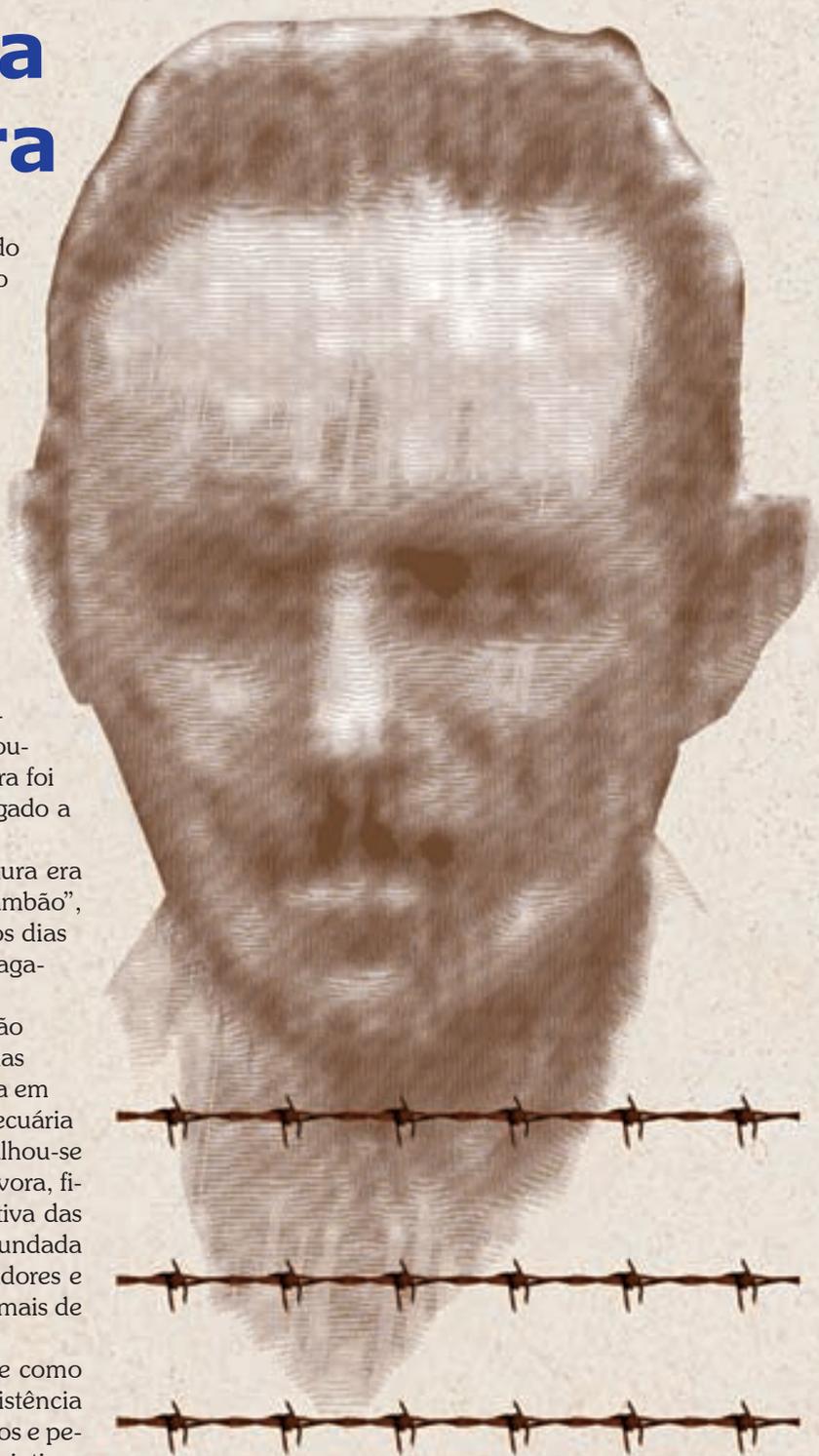
A violência dos latifundiários acompanha João Pedro Teixeira desde quando ele tinha seis anos de idade. Veio na forma de perseguição a seu pai, que arrendava um pedaço de terra de um grande proprietário. Houve conflitos entre ambos e o pai de João Pedro Teixeira foi atacado por capangas, baleou um deles e se viu obrigado a fugir, para nunca mais aparecer na região.

No Nordeste das décadas de 50 e 60, a agricultura era tocada a ferro e fogo. Imperava o regime chamado “cambão”, pelo qual o camponês era obrigado a trabalhar vários dias por semana nas roças do proprietário, sem receber pagamento algum.

Foi neste cenário de violência, injustiça e exploração que nasceram as Ligas Camponesas. A primeira delas surgiu no Engenho Galiléia, em Pernambuco, fundada em 1954 sob a denominação de Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco. A experiência espalhou-se por outros estados nordestinos como um barril de pólvora, ficando estaca na Paraíba a mais conhecida e combativa das Ligas Camponesas existentes até então: a de Sapé, fundada por João Pedro Teixeira como Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé e que contava com mais de 7 mil sócios, uma ousadia para os padrões da época.

As Ligas Camponesas foram criadas inicialmente como associações e tinham objetivos definidos: prestar assistência social e defender direitos de arrendatários, assalariados e pequenos proprietários rurais. Eram voltadas para iniciativas de ajuda mútua. Passaram a atuar no início da década de 60 como ferramentas de organização do movimento agrário, visto que a sindicalização no campo era praticamente inexistente.

A ousadia despertou a ira dos latifundiários, a ponto de em 1962 terem dado cabo da vida de João Pedro Teixeira. Ele foi casado com Elisabeth Teixeira, com quem teve 11 filhos. Dois anos depois, o golpe militar de 1964 proibiu o funcionamento das Ligas Camponesas e interveio nos sindicatos dos trabalhadores rurais. A partir daí, camponeses foram torturados e mortos e os dois soldados que mataram João Pedro Teixeira foram libertados.



A trajetória do fundador das Ligas Camponesas de Sapé, que registra uma passagem como operário de pedreiras, foi captada pelas lentes do filme “Cabra Marcado para Morrer”, de Eduardo Coutinho. Neste longa-metragem, a experiência estética e a experiência política do primeiro cabra são analisadas pelo olhar de quem com ele compartilhou intimidade: a esposa Elisabeth e alguns dos seus 11 filhos. <

Mistérios em meio a formações rochosas do semi-árido do Piauí

Paisagem milenar do Parque Nacional de Sete Cidades tem vestígios de civilizações primitivas

Aventura e mistério se misturam em espiral no Parque Nacional de Sete Cidades. O local, cravado em 6.221 hectares no norte do estado do Piauí, entre os municípios de Piripiri e Piracuruca, abriga formações rochosas de cerca de 190 milhões de anos e ricas inscrições rupestres nas paredes das rochas. Os vestígios de civilizações primitivas, combinados com fenômenos naturais, olhos d'água e contatos extraterrenos, levaram o conhecido escritor Erich von Däniken - autor do livro "Eram os deuses astronautas?" - a afirmar que "a região de Sete Cidades foi construída por forças não-naturais".

O historiador austríaco Ludwig

Schwennhagen a descreveu como ruínas de uma cidade fenícia, fundada há mais de três mil anos. Sete Cidades têm algo de encantado, pois em 1974 o francês Jacques de Mahieu, depois de visitá-las, considerou-as como um estabelecimento criado por vikings.

Exageros à parte, o Parque Nacional de Sete Cidades virou paraíso de historiadores, antropólogos e ufólogos. E também, hoje, serve de rota para o turismo aventureiro carregado de fantasia. Não é para menos. As pedras ali encontradas imitam formas que lembram animais, pessoas e objetos. O parque, administrado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama), surgiu em 8 de junho de 1961 por força de um decreto federal.

O nome foi dado porque a região abriga sete diferentes grupos de rochas, separados entre si, formando um conjunto identificado como "as sete cidades de pedra". A topografia é ruiforme (aspecto de ruínas) e foi esculpida pela água pluvial e pelo vento nos arenitos. A área possui vegetação híbrida, típica de transição entre o cerrado e a caatinga. As feições geológicas, combinadas com as



históricas, tornam o Parque Nacional de Sete Cidades um sítio propício para a pesquisa científica. As pedras possuem um autêntico tesouro artístico-histórico-cultural: inscrições rupestres dos índios tabajaras.

Entre essa paisagem rochosa do sertão semi-árido, as cachoeiras, as piscinas naturais e os olhos d'água apresentam o Parque Nacional de Sete Cidades em toda a sua exuberância e mistério. A região, segundo o Ibama, é um dos 10 lugares mais visitados do Brasil. <





Sempre que
precisar
lembrar-se:

somos a
sua corretora
de seguros

FENAE
CORRETORA DE SEGUROS

A CORRETORA DO PESSOAL DA CAIXA.

www.fenaecorretora.com.br

0800-6018080



Eu Faço Cultura

A atitude do Movimento Cultural do Pessoal da CAIXA continua levando cultura a vários lugares do Brasil.

O público já presenciou quatro semanas culturais com oficinas de música, fotografia e shows com Som Catado e Nando Reis. O Eu Faço Cultura não pára por aí. Vão ser 30 cidades contempladas até o final do ano. Convide seus parentes, amigos e conhecidos para participar das oficinas e espetáculos. A semana cultural é aberta à toda comunidade.

Os próximos shows terão a presença da cantora Vanessa da Mata.

Visite o site www.eufacocultura.com.br, confira a agenda e as fotos dos eventos!